

# A oficina monetária de Bolscan no conjunto das moedas ibéricas do Museu Nacional de Évora

---

Maria Graciana Dias Marques\*

## I. Introdução

A publicação deste conjunto de moedas da oficina de Bolscan, da colecção do Museu de Évora, que constitui parte do legado monetário de Frei Manuel do Cenáculo, grande impulsionador dos estudos numismáticos em Portugal, segue a linha de outros artigos vindos a lume por M. Farinha dos Santos e pela signatária (Santos, 1979; 1982; Santos e Marques, 1977; 1983; Marques, 1980; 1986; 1988; 1990; Marques e Monginho, 1994)♦.

O estudo publicado desta colecção, iniciado em 1977, abrange já um amplo número de oficinas e respectivas moedas. A dispersão dos artigos, por revistas da especialidade ou actas de alguns simpósios de Arqueologia e Numismática, deve-se ao facto de, até agora, não se oferecerem oportunidades de realização de um trabalho de conjunto das espécies da colecção. Esta, à data do início dos trabalhos, era constituída por 513 moedas hispânicas, repartidas por 79 oficinas. Foi, então, efectuado um estudo exaustivo de leitura e inventariação das moedas, com execução de fichas individuais completas, incluindo o respectivo desenho e o estabelecimento de paralelos com espécies reproduzidas em obras dos melhores especialistas, estudo devidamente autorizado pela direcção do Museu de Évora então em exercício. Estas fichas, em nosso poder, constituem o instrumento de trabalho que tornou possível a vinda a lume destes artigos.

## II. 1. Localização da oficina

A oficina de Bolscan, **✕ 1 M A M**, situava-se na actual cidade de Huesca, Alto Aragão, no convento jurídico cesar-augustano romano, e é considerada o maior centro difusor de numerário ibérico (mapa 1). Se bem que actualmente não ofereça contestação, a situação da oficina foi já problema discutido pelos investigadores. Até ao século XIX, as referências apontavam para a localização de *Bolscan* em Salamanca, tendo por base a tradução da legenda com a forma *chalman* ou *halmántica*, por via da

---

Professora Auxiliar da Universidade Autónoma de Lisboa.

semelhança fono-vocálica (Arranz, 1979, 87). A. Heiss (1870, 151-154) foi o primeiro a admitir a situação de Bolscan em Huesca, a partir de um texto de Estrabão (III, 4, 10), logo seguido por A. Delgado (1876, 325-328), que, considerando a sua origem céltica, interpretou a legenda com a forma *celstan* ou *celchan*. Finalmente, a decifração da escrita ibérica do Norte (cujos documentos mais importantes são justamente as legendas monetárias) conduziu à forma *bolscan*, segundo os estudos de Gómez Moreno e actualmente aceite sem contestação. Para *bolscan*, ✕ ⚭ ⚭ ⚭ ⚭, é a seguinte a transcrição dos signos ibéricos: ✕ – bo; ⚭ – l; ⚭ – s; ⚭ – ca; ⚭ – n.

Apesar do consenso, não foi resolvido, ainda, o problema da conciliação do nome *bolscan*<sup>1</sup> e do nome latino *osca*, a romana Osca, donde derivou a actual Huesca. A origem desta questão etimológica resulta da expressão de Tito Lívio *argentum oscense*<sup>2</sup>, interpretada como aludindo à grande quantidade de prata, amoadada ou não, recolhida pelos generais romanos, proveniente de impostos, saques ou despojos das campanhas militares na região, e de que aqueles generais se vangloriavam. No entanto, hoje, considera-se provado<sup>3</sup> que o *argentum oscense* referido pelo historiador latino nada tem a ver com as moedas das antigas cidades aragonesas, mas tratar-se-á, antes, da prata dos dracmas ibéricos de imitação das espécies gregas<sup>4</sup> desmonetizadas pelos conquistadores romanos, no primeiro quartel do século II a.C.

As moedas com legenda *Bolscan* são, de facto, muito abundantes e, de um modo geral, há exemplares seus em quase todos os achados monetários peninsulares<sup>5</sup> coevos, razão suficiente para comprovar a grande importância da oficina a nível da política e economia regionais, designadamente na Meseta, na cordilheira Bética e no Ebro (mapa 1).

Com efeito, Bolscan encontra-se geograficamente bem implantada no vale do Ebro, a igual distância dos Pirenéus e do rio, no cruzamento de vias fundamentais de penetração pirenaica e marítima – a de Jaca-Oloron, a que acompanha a linha de fortificações entre Calagurris e Lérida e continua para Tarraco, na orla mediterrânica, e, por fim, a que rumo ao oceano, cujo fluxo económico exigiria uma circulação monetária animada entre os mercados.

Tais condições, acrescidas da riqueza mineira local, estarão seguramente na base da visão político-estratégica de Sertório, que fez de Bolscan a capital do seu domínio peninsular.

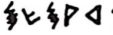
Para efeitos de classificação regional e distribuição da numária hispânica, *Bolscan* pertence ao grupo pirenaico-suessetano, considerando a situação na orla meridional dos Pirenéus e os antigos povos do Alto Aragão, segundo Plínio (III, 24-8), *Oscenses regiones Suessetaniae*.

## 2. Laboração

Desconhece-se a data do início da laboração da oficina monetária de Bolscan, mas, na segunda metade do século II a.C., já circulava moeda argentea sua, simultaneamente com moeda de outras oficinas do vale do Ebro, como *Turiasu*, *Bascunes*, *Beligio*, *Secaisa*, *Segia*, entre outras. Assim sendo, a moeda de Bolscan é bastante anterior a Sertório, que estacionou na Península entre 83 e 72 a.C. Este,

no entanto, fez circular denários de Bolscan com singular abundância, como demonstram os achados de Palenzuela, Palença (151 moedas), Salvacañete, Cuenca (50 moedas), Quintana Redonda, Sória (2600 moedas), Azuara, Saragoça (400 moedas), Azaila, Teruel (52 moedas) e outros. Após a queda de Sertório, a moeda de Bolscan continuou a circular ainda por longo tempo, apesar de a cidade, sob nova tutela romana, passar a cunhar espécies com o nome de Osca.

A oficina cunhou em prata e em bronze. A grande desproporção entre as espécies argêntas e brônzeas encontradas leva a concluir que a oficina emitiu mais denários que asses e respectivos divisores. Admite-se mesmo que estes só foram cunhados tardiamente, talvez pela pouca importância dentro dos circuitos monetários da região oscense-suesetana. De início, o bronze teria tido circulação limitada a nível local e só posteriormente viria a alcançar mercados mais distantes. O avultado número de moedas de Bolscan incorporadas nos muitos achados não fortuitos é prova de que fizeram parte de circuitos económicos amplos e não constituíram apenas minguado pecúlio de soldados ou viandantes. Regista-se, como exemplo, que se recolheram largos milhares de denários e apenas escassas centenas de bronzes. É pouco superior a seis milhares o número de denários de proveniência comprovada, enquanto ascende a muito mais o número de peças depositadas em museus e colecções particulares cuja procedência se desconhece ou é de origem insegura. É este último o caso das moedas em epígrafe. Tudo leva a crer, porém, terem estas sido recolhidas na região alentejana, mais precisamente nas áreas de Évora e Beja, onde Frei Manuel do Cenáculo por largos anos se instalou. De qualquer modo, não deixa de ser relevante a sua divulgação, no sentido de se compor um estudo mais ajustado às realidades da produção e possível circulação da numária ibérica.

A amoedação de Bolscan parece inscrever-se numa sucessão de três oficinas, ou melhor, *Bolscan* continuará as breves emissões da oficina de Sesars, , mantendo os tipos desta, que, por sua vez, ostenta o signo bolscano *bo n*, ; após a queda de Sertório, a oficina passará a exhibir o topónimo *Osca*. Na época imperial, os asses octavianos conservaram apenas o tipo de reverso e a nova legenda *Vrb. Vict. Osca* ou *V.V. Osca* até ao reinado de Calígula (37-41), data do presumível termo das emissões hispânicas locais<sup>6</sup>. Sesars terá tido fraco poder emissor, hipótese que resulta do escasso número de moedas recuperadas; mas, também aqui, os bronzes são muito mais raros que os denários. Bolscan, ao contrário, cunhou com abundância, como vimos, e, segundo a opinião da maioria dos investigadores, não só para uso local, mas regional.

Muitas vezes, uma cidade não cunha moeda exclusivamente para circulação dentro dos seus limites territoriais, mas também para outras urbes próximas ou mesmo afastadas. Desconhece-se, todavia, as condições de relação e das necessidades concretas de cada grupo em função da quantidade e qualidade monetárias, admitindo-se a possibilidade de alianças ou de uma federação para efeitos de economia monetária, de acordo com as potencialidades e interesses políticos e económicos coetâneos. *Bolscan*, presume-se, inscrever-se-á nesse esquema. É que algumas cidades emitiram moeda onde figura o topónimo local em exergo do reverso, mas o anverso inscreve os signos  de *Bolscan*. Tal é o caso de *Iaca*, , *Segia*, , *Sekorobices*, , *Arse*, , como *Sesars*, de tipologia geral semelhante.

A maioria dos especialistas admitem que os signos correspondem ao primeiro e último do nome da cidade e, como tal, as moedas fariam parte do sistema de circulação económico-monetária dependente da cidade-mãe, *Bolscan*. António Beltrán Martínez<sup>7</sup> é categórico, quando afirma «...está claro que las ciudades que añaden *bo n* detrás de la cabeza denotan una dependencia de *Bolscan* en época sertoriana, como *Iaca*, *Segia* ou *Sesars*...». Casos idênticos verificam-se com algumas outras cidades, *Bilbilis*, por exemplo. Admite-se, até, que os signos funcionariam como emblema, ou mesmo selo, da entidade emissora, com o objectivo de definir, autenticar ou oficializar a moeda para fins de circulação mercantil. Para Villaronga<sup>8</sup>, porém, estes signos secundários têm antes a função de marca de valor e adianta que o sinal ✖ corresponderá a 16 e o ⅴ ao *n* de *nummus*, isto é, este 16 obedece ao novo valor do denário romano, igual a 16 asses. Do mesmo modo, o semisse, apenas com o primeiro signo ✖, equivalente a metade desse valor, também em anverso; e, com o mesmo significado, imprime-se no seu reverso o pégaso. Finalmente, o quadrante, com cavalo e três pontos, símbolo inegável do quadrante romano. Villaronga partirá do princípio de que, se estes sinais são marca de valor no sistema monetário romano, também os signos ibéricos o serão. Este critério, porém, não parece aplicável a todos os signos, como é o caso do golfinho, o que torna o seu significado ainda muito obscuro.

Chegados à Hispânia, os Romanos lavraram numerário seguindo a métrica metropolitana, mas conservaram, na maioria das cunhagens, os alfabetos e temática tipológica indígenas, sinal de que a moeda era destinada a circular exclusivamente na nova província. E a legenda indígena só deu lugar à latina, quando o processo de pacificação estava avançado, ou melhor, quando o povo colonizador sentiu que as populações ibéricas se haviam acomodado perfeitamente ao processo de romanização. Mas, entre o primeiro e o segundo estágio, houve um período intermédio, com cunhagens híbridas, bilingues, revelador do processo paulatino de integração, e constituiu-se, também, o melhor elemento para a decifração das escritas pré-latinas peninsulares: o topónimo, ou o nome do magistrado local, figurava em signos indígenas numa face da moeda e em caracteres latinos na outra face.

### 3. A moeda

A moeda desta oficina apresenta certas particularidades de carácter técnico e iconográfico, de que distinguimos: o excelente cunho dos denários, mesmo os forrados da época sertoriana<sup>9</sup>, com poucas excepções, o que permite uma leitura óptima dos tipos; a efígie, de que sobressai o tratamento da barba a cuidado pontado, o encaracolado do cabelo e o torque no pescoço; saliente-se, sobretudo, o apuro no recorte firme da montada, onde ressaltam pormenores de posição e movimento, anatomia das patas, crinas e cabeça dos cavalos, a traduzir o conhecimento e a força expressiva do artista, secundados pelo porte do cavaleiro, de túnica curta e elmo, empunhando uma lança, ora mais longa, ora mais curta, embora este de traço menos realista que o do cavalo.

Dos elementos tipológicos secundários, de significado ainda inseguro, como vimos, para além dos signos ibéricos por detrás da cabeça, no anverso dos denários e semisses, os asses apresentam um

golfinho, de configuração diversa. Veja-se o tipo simplificado e o robusto das figuras 2 e 3 de Évora. Tanto poderão corresponder a épocas de emissão distintas, como a diferentes gravadores. As espécies dos golfinhos parecem inscrever-se em circuitos monetários específicos da jurisdição aragonesa, englobando um conjunto alargado de cidades<sup>10</sup>.

A estrela de cinco pontas por detrás da cabeça do cavaleiro, inscrita em moedas de muitas outras oficinas da Península com o cavaleiro ibérico, corresponderá à simbólica sertoriana. Considerando a «estrela de Sertório» presunção correcta, é possível determinar o eventual património geopolítico tutelado pelo general romano.

Para Navascuès<sup>11</sup>, as emissões do cavaleiro ibérico (de facto, as moedas com maior projecção em toda a Hispânia) são sinónimo de um perfeito plano de unificação e organização peninsular por Sertório, recorrendo à aplicação do sistema metrológico semiuncial romano de 89 a.C. Valls<sup>12</sup> vai mais longe, ao afirmar que o projecto sertoriano seria muito mais ambicioso, pois a partir deste importante centro económico, político e estratégico «...manifiesta su pensamiento de unir a España con la Galia e Italia».

Apesar da quantidade, os denários bolscanos não apresentam diferenças acentuadas que permitam, com rigor, falar de séries distintas. Tendo em atenção as variações, os especialistas tendem a repartir as moedas por grupos, cujo número é variável de autor para autor. No entanto, distinguem-se algumas espécies. Possivelmente, o conjunto mais antigo, e porventura o mais raro, na sequência das emissões de Sesars, ou talvez contemporâneas destas, é aquele que apresenta a legenda recurvada sob a montada, à semelhança do tipo desta oficina, designado tipo de Palenzuela. Da época sertoriana organizaram-se vários grupos baseados em diferentes técnicas para o penteado, a variação da dimensão do busto, a posição das patas, crinas e cauda do cavalo ou o porte do cavaleiro, uma vez que o topónimo se inscreve agora em exergo, sob um segmento de recta. Nos bronzes, em geral de bom estilo, verifica-se o mesmo tipo de diferenças, mas é o golfinho o elemento mais vulnerável a alterações.

As poucas espécies que apresentam labor mais pobre são remetidas para o final da produção, ou seja, os últimos tempos do já inseguro período sertoriano.

Quando observamos o número de achados monetários no terreno, verificamos que a moeda de Bolscan teve um largo campo de difusão, disperso por várias zonas de penetração. Além da região ultrapirenaica e das Baleares, com menor representatividade, contam-se a região catalã e a do Ebro, onde se registaram o maior número de conjuntos, de Bilbao até Pamplona; na Bética, avança de Numância e Sória até Salvacañete. A norte e sul da Meseta, até Toledo, os achados são dos mais ricos, e prolongam-se para ocidente, até Portugal, onde foram recolhidos em contextos arqueológicos com moedas de outras oficinas, em Idanha-a-Velha (vários denários)<sup>13</sup>, Charneca (Ribatejo) (1 denário) e Alcaide (Castelo Branco) (4 denários). As sete moedas do Museu de Évora em epígrafe virão constituir uma achega a este escasso conjunto de espécies de Bolscan encontradas em território português. É possível que outros exemplares se encontrem por esse País fora... Finalmente, em Sierra Morena, registam-se achados com boa representatividade de moedas de Bolscan em Molón, Pozoblanco e Córdoba.

### III. Inventário

A ordenação dos asses não obedece a critérios de classificação por grupos, em função dos tipos mais aproximados, mas por escala dos valores ponderais respectivos. Embora semelhantes, todos apresentam diferenças entre si, característica desta oficina, o que dificulta a seriação das espécies (L. I).

Fig. 1 – Valor: denário; metal: prata; peso: 2,93 g; módulo: 17 mm; espessura: 1,2 mm; conservação: boa. Anverso: cabeça barbada a ponteadado, à direita, e torque ao pescoço; atrás, os símbolos  $\times \text{P}$ ; cercadura linear incompleta. Reverso: cavaleiro armado de lança, galopando, à direita; em baixo, entre as patas do cavalo e sobre linha horizontal, a inscrição  $\times \text{PMA}$ .

Referências: Vives, t. II, p. 102, lam. XLIII 1-3. Navascués, t. I, pp. 65-69, lams. XXXIV-XXXV, 1072-1319 e t. II, p. 45, lam. XIII, 188-140 (tesouro de Azaila) e p. 57, lams. LIX-LXI, 1-51 (tesouro de Salvacañete). Valls, pp. 233-235, 299, 321-324. Gil Farrès, pp. 114-236; Guadan, p. 202, lam. 39, 347, 248.

Fig. 2 – Valor: asse; metal: bronze; peso: 11,50 g; módulo: 26 mm; espessura: 2,8/3 mm; conservação: regular. Anverso: cabeça barbada a ponteadado, à direita; vestígios de torque ao pescoço; parte do cabelo desgastada; atrás, um golfinho; cercadura em linha ponteadada, incompleta. Reverso: cavaleiro galopando, armado de lança alongada, à direita; por detrás do cavaleiro, vestígios de estrela de cinco pontas.

Em baixo, entre as patas do cavalo, sobre linha horizontal, a inscrição  $\times \text{PMA}$ .

Referências: Vives, p. 102, t. II, lam. XLIII, 4; Navascués, p. 69, lam. XXXVI, 1325 e ss; Guadan, p. 202, lam. 39, 349; Gil Farrès, pp. 162-183.

Fig. 3 – Valor: asse; metal: bronze; peso: 7,12 g; módulo: 19 mm.; esp.: 2,5 mm; conservação: ligeiramente safada. Anv.: semelhante ao anterior, mas o golfinho mais amplo. Rev.: semelhante ao anterior, mas o cavalo mais robusto.

Referências: ver n.º 2.

Fig. 4 – Valor: asse; metal: bronze; peso: 7,0 g; módulo: 22,5 mm; esp.: 2 mm; conservação: regular. Anv.: semelhante ao anterior, mas tratamento diferente do cabelo; parte de gráfila de pontos. Rev.: semelhante ao n.º 2, mas o cavalo mais pequeno; vestígios de gráfila ponteadada.

Referências: ver n.º 2.

Fig. 5. – Valor: asse; metal: bronze; peso: 6,12 g; módulo: 23,5 mm; esp.: 1,8 mm; cons.: regular. Anv.: semelhante ao n.º 3, mas com barba e cabelo bem visíveis. Rev.: semelhante ao n.º 3.

Referências: ver n.º 2.

Fig. 6. – Valor: asse; metal: bronze; peso: 6,8 g; módulo: 22 mm; esp.: 2,2/2,5 mm; cons.: regular. Anv.: semelhante ao n.º 5. Rev.: semelhante ao n.º 5.

Referências: ver n.º 2.

Fig. 7. – Valor: asse; metal: bronze; peso: 5,75 g; módulo: 23,5 mm; esp.: 2 mm; cons.: boa. Anv.: semelhante ao n.º 5. Rev.: semelhante ao n.º 5.

Referências: ver n.º 2.



1



↑

2



←

3



↖

4



↘

5



→

6



↖

7

## Síntese

- A oficina pré-romana de Bolscan, situada em pleno coração do vale do Ebro, nas proximidades dos Pirenéus, é a que apresenta maior difusão de numerário em prata na Hispânia, tendo em consideração o elevado número de espécies até agora encontradas e a ampla dispersão dos achados.

- Caracteriza-se esta oficina pelo bom estilo das cunhagens, de que sobressai o tipo do cavaleiro ibérico, de excelente lavor e pormenores de elevado significado técnico e iconográfico. Cunhou denários, de que se recuperaram vários milhares; os asses, semisses e quadrantes são em escasso número.

- A presença de signos idênticos aos dos primeiro e último símbolos do topónimo indígena  , nos denários, ou só  , nos asses, leva a grande maioria dos especialistas a admitirem a existência de cidades integradas numa ampla área de circulação económico-monetária, quiçá na dependência política de *Bolscan*, possivelmente por ser esta localidade o centro de exploração argentífera aragonesa por excelência.

- Bolscan terá cunhado moeda já pelo século II a.C., na sequência da oficina de Sesars, mas foi a época sertoriana (83-72) que lhe conferiu o apogeu. Sertório elegeu Bolscan para capital do seu domínio ibérico, porque, além de fonte mineira notável, gozava também de situação estratégica e económica privilegiada, no cruzamento de redes viárias e fluviais florescentes rumo ao Mediterrâneo e ao Atlântico. Após a queda de Sertório, Bolscan perdeu poder emissor, transferido então para Osca. Esta oficina, agora romana, cunhou moeda até 42 a.C., a data presumível para o fecho das oficinas hispânicas. No entanto, a moeda bolscana prosseguiu em circulação paralela por largo tempo.

- As moedas da colecção do Museu de Évora, onde, ao contrário do que é comum, se contam mais bronzes (6 asses) do que moeda de prata (1 denário), constituem uma boa achega para o estudo da oficina no contexto peninsular, a juntar aos denários desta oficina provenientes de Idanha-a-Velha, Charneca do Ribatejo e Alcaide, Castelo Branco. Admite-se como muito provável a sua proveniência alentejana, mais precisamente entre Évora e Beja, áreas de fácil comunicação com as cidades hispano-romanas da Meseta e da Bética e também porque nelas viveu por largos anos o autor do legado, Frei Manuel do Cenáculo, que se sabe ter aí recolhido as espécies da sua colecção.

- As moedas em epígrafe apresentam as características gerais das cunhagens desta oficina, de seriação muito difícil, em virtude da grande quantidade e da frequência do tipo do cavaleiro ibérico. As alterações verificam-se a nível caracterescópico, designadamente posição e movimento do cavalo e respectivo tratamento das patas, crinas e cabeça, dimensão do busto do anverso e, nos asses, as variantes do símbolo do golfinho.

## BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA

♦ *A oficina monetária lusitano-romana de Mérida e a sua representação no Museu de Évora (Portugal)*, Manuel Farinha dos Santos, Anais da Academia Portuguesa da História, II série, vol. 25, Lisboa, 1979.

*Algumas oficinas monetárias hispânicas representadas no Museu de Évora*, Manuel Farinha dos Santos, FN-Filatelía-Numismática, n.ºs 10, 11 e 12, Lisboa, 1982.

*Moedas com inscrições púnicas de quatro oficinas hispânicas do litoral pertencentes à colecção do Museu de Évora (Portugal)*, Manuel Farinha dos Santos e M. Graciana Marques; Actas del XIV Congreso Nacional de Arqueología, Zaragoza, 1977.

*Antigas oficinas monetárias de Cartagena (Múrcia-Espanha) e sua representação no Museu de Évora*, M. Farinha dos Santos e M. Graciana Marques, in Numismática, ano X, n.ºs 28-30, Lisboa, 1983.

*Uma moeda da oficina de Ebusus na colecção do Museu de Évora*, M. Graciana Marques; in Actas do III Congresso Nacional de Numismática, Sintra, 1985.

*Oficinas monetárias hispânicas de Urso, Ulia e Ventipo representadas no Museu de Évora*, M. Graciana Marques, in Numismática, n.ºs 40/41, Lisboa, 1986.

*A oficina de Obulco*, M. Graciana Marques e Rui Monginho; Actas das V Jornadas Arqueológicas (20, 21 e 22 de Maio de 1993); 2.º vol., Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa, 1994.

## BIBLIOGRAFIA GERAL

ARRANZ, A. Domínguez, *Las Cecas Ibéricas del Valle del Ebro*, Institución «Fernando el Católico», Tesis Doctorales XXVIII, Zaragoza, 1979.

BURGOS, F. Alvarez, *Catálogo General de la Moneda Hispánica desde sus Orígenes hasta el Siglo V*, Madrid, 1982.

FARRÈS, O. Gil, *La Moneda Hispánica en la Edad Antigua*, Madrid, 1966.

GUADAN, Antonio M. de, *Numismática Ibérica e Ibero-romana*; Instituto Español de Arqueología, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid, 1969.

LLORIS, M. Beltrán, *Arqueología e Historia de las Ciudades Antiguas del Cabezo de Alcalá de Azaila (Teruel)*, Zaragoza, 1976.

MARTÍNEZ, A. Beltrán, *Numismática Antigua*, Curso de Numismática, tomo I, Cátedra de Arqueología, Epigrafía y Numismática de la Universidad de Zaragoza; Cartagena, 1950.

*El Dinero y la Circulación Monetaria en Aragón*, ed. Caja de Zaragoza, Aragón y Rioja; Zaragoza, 1981.

MATEU y LLOPIS, F., *Los Tesoros de la Época Sertoriana*, Barcelona, 1949.

NAVASCUÈS, J. M. de, *Las Monedas Hispánicas del Museo Nacional de Madrid*, vol. I, 1969 e vol. II, 1971.

*El Jinete Lancero. Ensayo sobre el Dinero de la Época Sertoriana (82-72 a.C.)*, Num. Hisp. IV, 1955.

VALLS, R. Martín, *La Circulación Monetaria Ibérica*, Valladolid, 1966.

VILLARONGA, Leandre, *Numismática Antigua de Hispania*, Barcelona, 1979.

VIVES y ESCUDERO, A., *La Moneda Hispánica*, 4 tomos e um atlas, Madrid, 1924-1926.

## NOTAS

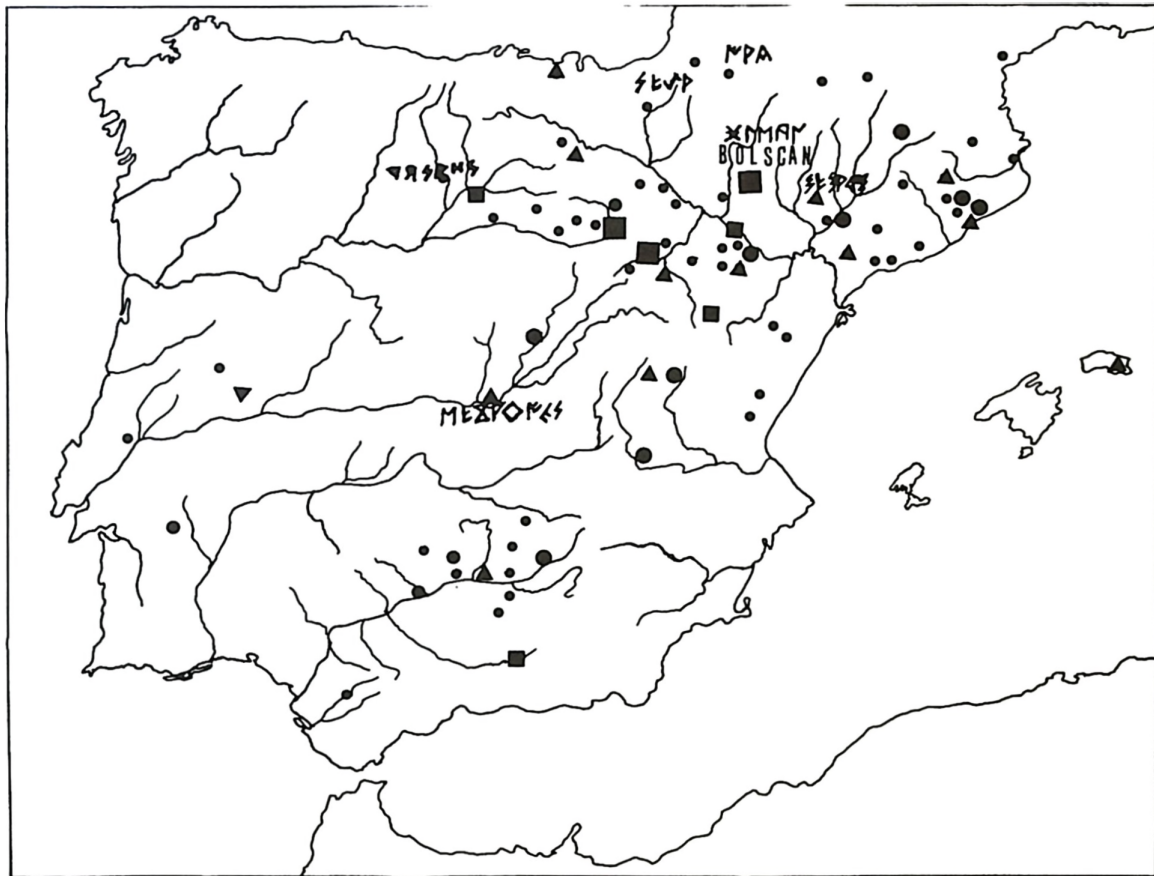
<sup>1</sup> Também se admite a forma *holscan*.

<sup>2</sup> Plínio também se refere aos povos que habitavam o Alto Aragão como *Oscenses regiones Suessetaniae* (III, 24-8).

- <sup>3</sup> A. Beltrán Martínez, *El Dinero y la Circulación Monetaria en Aragón*, Zaragoza, 1981, p. 15; Leandre Villaronga, *Numismática Antigua de Hispania*, Barcelona, 1979, p. 114.
- <sup>4</sup> Das colónias gregas de Rosas, Emporion, Rodes e outras, que, desde o séc. V a.C., mantinham contactos comerciais com as feitorias de colonos orientais e com Ebusus, a actual Ibiza.
- <sup>5</sup> Foram igualmente recolhidas moedas de *Bolsca* em regiões transpirenaicas, como em Narbona, Saint Bertrand de Comenges e vários outros locais do departamento de Ariège e em Ibiza.
- <sup>6</sup> Situa-se o fecho das oficinas monetárias hispânicas entre os anos 41 e 45, considerando-se o ano 42 a data mais provável, então já no reinado de Cláudio.
- <sup>7</sup> A. Beltrán Martínez, *Problemas que Plantean las Monedas con Inscripciones Ibéricas*, in *Nvmmvs*, 2.ª série, vol. IV/V/VI, Soc. Port. de Numismática, Porto, 1983, p. 103.
- <sup>8</sup> Leandre Villaronga, *Numismática Antigua de Hispania*, Barcelona, 1979, p. 168.
- <sup>9</sup> Moeda com a alma de metal vil e coberta com uma capa de metal nobre, neste caso a prata. Alguns autores admitem ser moeda falsa, coeva de Sertório ou posterior; outros consideram-na moeda de emergência ou de utilidade, cunhada pelos gerais em campanha. Aparece, com alguma frequência, em conjunto com a boa moeda de *Bolsca*.
- <sup>10</sup> M. Graciana Marques, *Representações de animais nas moedas com inscrições pré-latinas cunhadas na Península Ibérica e seu significado*, in *Numismática*, n.º 47, ano XIV, Nov.º-Dez.º, 1987, Lisboa, pp. 33-72.
- <sup>11</sup> J. Navascués, *El jinete lancero. Ensayo sobre el dinero de la época sertoriana (82-72 a.C.)*; Num. Hisp. IV; Madrid, 1955, p. 37.
- <sup>12</sup> Ricardo Martín Valls, *La circulación monetaria ibérica*, Universidad de Valladolid, separata do Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología, t. XXXII, Valladolid, 1966, p. 299.
- <sup>13</sup> Nas obras consultadas não vem indicado o número de moedas recolhidas.

## Mapa 1

Situação da oficina de Bolscan e respectivas áreas de dispersão de moedas suas, recuperadas de tesouros e escavações arqueológicas. As oficinas identificadas contêm os símbolos ✕, admitindo-se acharem-se na dependência político-económica da cidade de Bolscan.



- até 5 moedas
- " 25 "
- " 100 "
- " 500 "
- mais de 500 moedas
- ▲ nº indeterminado